ISSN: 2358-8829

MINHA HISTÓRIA, MINHA VOZ: MEMÓRIAS CENTENÁRIAS E IDENTIDADE NO POVOADO QUILOMBOLA COCALINHO (PARNARAMA-MA)

Sabrina Lima Nascimento [1]
Maria Eduarda da Silva Barbosa [2]
Kaio Roney Rodrigues Leal [3]
Thafine Kauane Lopes Batista[4]
Thainara Pereira Feitosa [5]
Fernando Bismarck da Silva Magalhães [6]

INTRODUÇÃO

O reconhecimento e a valorização das identidades afro-brasileiras e das comunidades tradicionais representam um desafio e uma necessidade premente no ambiente escolar. Neste contexto, o projeto "Minha História, Minha Voz" surge com o propósito central de valorizar as memórias e experiências de membros da comunidade escolar e local, que são frequentemente silenciadas em contextos de comunicação superficiais. O estudo debruça-se sobre o povoado quilombola Cocalinho, situado no município de Parnarama, no estado do Maranhão, uma comunidade que carrega mais de um século de história, lutas e resistência.

A justificativa desta pesquisa ancora-se na importância de resgatar a ancestralidade e fortalecer o sentimento de pertencimento dos jovens estudantes do IEMA Pleno Matões à sua própria cultura e território. O objetivo fundamental consiste em promover o diálogo intergeracional por meio da criação de espaços de acolhimento estruturados para o compartilhamento das narrativas de alunos, familiares e antigos moradores.

O objetivo fundamental deste projeto consiste em promover o diálogo intergeracional por meio da criação de espaços de acolhimento estruturados para o compartilhamento das narrativas de alunos, familiares e antigos moradores. Para alcançar esse propósito, a pesquisa amparou-se metodologicamente em uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas, gravações e diários de campo para imortalizar os relatos orais. Os resultados demonstraram que o resgate histórico perpassa pelas memórias do trabalho rural, das festividades e da superação contínua de preconceitos e invasões territoriais. Conclui-se, assim, que a escuta ativa dessas narrativas centenárias aproxima a escola da realidade quilombola, promovendo a empatia e evidenciando a

[1] Graduando do Curso técnico de Eletrotécnica do IEMA Matões-MA, limasabrina67ff@gmail.com;
[2] Graduando do Curso técnico de Sistemas de Energia Renovável do IEMA Matões-MA, dudinhaa0900@gmail.com.
[3] Graduando do Curso técnico de Sistemas de Energia Renovável do IEMA Matões-MA, kkaioroney@gmail.com.
[4] Graduando do Curso técnico de Sistemas de Energia Renovável do IEMA Matões-MA, kthafine@gmail.com;
[5] Graduado em Licenciatura Geografia da UESPI - PI, thainarapereirafeitosa@gmail.com;
[6] Professor orientador: Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho, Gran Centro Universitário - PR, fernandobismarck.bk@gmail.com.

contribuição vital de cada trajetória na formação humana e na preservação da identidade cultural local.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, utilizando o método da história oral para capturar a essência das vivências comunitárias. O público-alvo da ação envolveu participantes selecionados da comunidade quilombola Cocalinho e estudantes do IEMA Pleno Matões com vínculos diretos ou indiretos com o povoado.

Para a coleta de dados, foram elaborados roteiros semiestruturados de entrevistas, focados nas memórias, saberes tradicionais, trabalho e história de vida dos moradores mais antigos. O suporte técnico para a execução incluiu o uso de gravadores de áudio para captar fielmente os relatos e diários de campo para anotações contextuais e observações dos pesquisadores.

Após a coleta, os dados passaram pelas etapas de transcrição rigorosa e organização sistemática. O processo analítico baseou-se na identificação de temas centrais recorrentes nas narrativas, permitindo a categorização das falas e a estruturação de eixos de discussão que dialogam diretamente com a história de resistência do Cocalinho. Os aspectos éticos foram respeitados, garantindo a concordância dos entrevistados quanto ao uso de seus relatos para fins acadêmicos e educacionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo da memória social e coletiva encontra amparo nas formulações teóricas que compreendem a lembrança não como um mero arquivo do passado, mas como uma reconstrução contínua feita no presente. A memória coletiva de um grupo é o alicerce de sua identidade (HALBWACHS, 1990). No caso das comunidades quilombolas, essa memória é um ato de resistência política e cultural contra o apagamento histórico.

O Povoado Cocalinho é um exemplo vivo dessa dinâmica. A história local remonta ao ano de 1916, quando a família de Cândido José da Silva e Ana Joaquina, fugindo das secas do estado do Ceará, encontrou na região uma área de matas densas, rica em água e palmeiras de babaçu, batizando o local de Cocalinho. O referencial histórico da comunidade é marcado por uma forte ligação com a terra e com a coletividade, enfrentando desde o domínio abusivo do "coronelismo" imposto por figuras locais, até as ameaças contemporâneas de invasões por fazendeiros, grileiros e o avanço agressivo do monocultivo de eucalipto.

A escola, ao atuar como mediadora desse resgate, cumpre seu papel social delineado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, que preveem o respeito e a integração dos saberes e tradições dessas comunidades ao currículo escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da sistematização dos dados, os achados empíricos foram divididos em duas categorias analíticas principais que refletem a riqueza das memórias coletadas:

Trabalho, Terra e Saberes Tradicionais

ISSN: 2358-8829

A coleta de dados revelou memórias ricas e detalhadas sobre a dinâmica do trabalho rural que sustentou a comunidade por décadas. Os moradores narraram a organização da agricultura por meio de "mutirões", práticas coletivas guiadas pelo respeito aos ciclos da natureza. Identificou-se a existência de regras ambientais internas muito antes da intervenção estatal, como o pousio da terra (esperar cerca de cinco anos para reutilizar uma área de roça) e a proibição da extração e venda de madeira para fora da comunidade. Relatos sobre a produção autossustentável, como a "farinhada no rodete", a fabricação de sabão a partir de cinzas de árvores nativas (malfim, angico e tingui) e o uso do algodão plantado no local para confeccionar roupas e redes, ilustram a profunda autonomia e resiliência das gerações passadas.

Cultura, Religiosidade e Resistência

O segundo eixo analítico evidenciou a força da cultura místico-religiosa como elemento de coesão e afirmação territorial. Foram catalogadas manifestações festivas e de devoção, como as festas do Divino (embaladas pelas caixas e violas), o Reisado, o Baião e a Dança do Lili. Além disso, a dimensão da resistência social manifestou-se nas narrativas de superação de preconceitos e na luta secular pela manutenção do território. Os relatos trouxeram à tona a transição histórica: da sujeição ao pagamento de "rendas" abusivas em forma de trabalho análogo à escravidão para os antigos coronéis, à organização coletiva recente em associações (como o MOQUIBOM) para defender judicialmente e fisicamente suas terras contra o avanço das pastagens e plantações de eucalipto.

A discussão desses resultados demonstrou que a escuta ativa gerou um profundo impacto nos estudantes envolvidos. O contato com essas narrativas proporcionou um novo olhar sobre as gerações anteriores, substituindo distanciamentos geracionais por admiração e respeito. A pesquisa evidenciou que os jovens quilombolas, ao conhecerem a bravura de seus ancestrais na defesa daquele "território sagrado regado com suor", fortalecem sua própria identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto "Minha História, Minha Voz" consolidou-se como uma ferramenta pedagógica de extrema relevância. As principais conclusões apontam que o resgate sistemático das memórias centenárias do Quilombo Cocalinho foi essencial para aproximar a escola da realidade comunitária. A experiência demonstrou que metodologias pautadas na escuta e na oralidade são fundamentais para promover a empatia e desconstruir preconceitos históricos.

Ao registrar o modo como a comunidade se organizou ao longo de mais de cem anos — lidando com a terra de forma coletiva e resistindo à opressão —, o projeto reconhece publicamente que cada história individual e coletiva contribui diretamente para a formação humana e cidadã dos estudantes.

Abre-se, a partir desta iniciativa, a necessidade de novas pesquisas que investiguem como as escolas estaduais em áreas de influência quilombola podem transformar essas narrativas em materiais didáticos permanentes, garantindo que a voz das comunidades tradicionais ecoe não apenas em projetos esporádicos, mas no cerne do currículo escolar maranhense.

Palavras-chave: Quilombo Cocalinho; Memória centenária; Educação; Identidade; Parnarama-MA.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. et al. Quilombo Cocalinho: Nossa História, nossa Luta, nosso Território Sagrado. Cocalinho: CESE, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 21 nov. 2012.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

NASCIMENTO, S. L. et al. Minha História, Minha Voz: Memórias centenárias e identidade no povoado quilombola Cocalinho (Parnarama-MA). Resumo. Congresso Nacional de Educação - CONEDU, [S.l.], [s.d.].